

## **Articulação entre trabalho e família em quatro regiões metropolitanas\***

Maria Coleta de Oliveira<sup>†</sup>  
Gláucia Marcondes<sup>‡</sup>

---

\* Trabalho apresentado no VII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Población e XX Encontro Nacional de Estudos Populacionais, realizado em Foz do Iguaçu/PR – Brasil, de 17 a 22 de outubro de 2016

<sup>†</sup> Livre-Docente do Departamento de Demografia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) e Pesquisadora do Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó”, da Unicamp. E-mail: mcoleta@nepo.unicamp.br

<sup>‡</sup> Pesquisadora do Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” da Unicamp. E-mail: gal@nepo.unicamp.br

## **Articulação entre trabalho e família em quatro regiões metropolitanas**

### **Resumo**

Este trabalho tem por objetivo refletir sobre as condições e os tempos dispendidos com o trabalho fora de casa e no espaço doméstico-familiar na população feminina de 16 a 59 anos de idade, residentes em quatro regiões metropolitanas brasileiras: Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Curitiba. Nesse estudo foram exploradas informações contidas na PNAD dos anos de 2002 e 2012. Os resultados reiteram achados de outras pesquisas que apontam que a inserção laboral feminina não tem amenizado a responsabilidade das mulheres no mundo doméstico, refletindo uma condição de ampliação da jornada total do trabalho feminino. A conjugação de trabalho e responsabilidades familiares dá margem a desdobramentos diferenciados, dependendo do pertencimento socioeconômico, de cor/raça, geração e a região em que residem as mulheres. A persistência deste quadro revela a manutenção de práticas sociais que mantêm os papéis convencionais de gênero nas famílias: a mulher na esfera reprodutiva e o homem no papel de provedor. Os dados da PNAD mostram que enquanto apenas aproximadamente metade da população masculina declarou realizar este tipo de atividade, em torno de 90%, ou seja, quase toda a população feminina declarou realizar algum tipo de tarefa doméstica.

**Palavras-chave:** Trabalho feminino. Reprodução. Desigualdades de gênero. Usos do tempo.

### **Apresentação**

As atividades domésticas e as de cuidados, ou seja, o trabalho reprodutivo ainda é marcado por sua invisibilidade (BORIS, 2014; APTER, 1985; OAKLEY, 1974). Essa condição é sustentada pela permanência de uma noção naturalizada de responsabilidade feminina pelos cuidados com a casa e dos demais familiares (ABOIM, 2014; NEVES, 2013; BRUSCHINI, 2007; BRUSCHINI; RICOLDI, 2009; SORJ; FONTES; MACHADO, 2007; BRUSCHINI; LOMBARDI, 2001/02; OLIVEIRA; BILAC; MUSZKAT, 2000).

O contingente crescente de mão de obra feminina e a importância do rendimento do trabalho das mulheres para suas famílias, principalmente daquelas que estão na posição de cônjuges, têm suscitado questionamentos e propiciado rupturas, ou ao menos fissuras, no modelo assimétrico e complementar de homem provedor e mulher cuidadora. O contrato de gênero definido nessas bases deixou de ser algo estável, dado margem à percepção de que a posição social das mulheres se encontra também em mudança (BRUSCHINI, 2007; SORJ et al. 2004). Contudo, evidências empíricas que se acumulam mostram que as expectativas de o

trabalho remunerado feminino fazer avançar a igualdade de gênero não se confirmam, apontando para a permanência de uma divisão sexual desigual do trabalho, onerando ainda fortemente as mulheres (OLIVEIRA; MARCONDES; LONGO, 2013; SORJ, 2014; WAJNMAN, 2012; GUEDES, 2010; SORJ; FONTES; MACHADO, 2007; BRUSCHINI, 2007; OLIVEIRA, 2007; OLIVEIRA; MARCONDES, 2004; HIRATA, 2004a; BRUSCHINI; LOMBARDI, 2001/02; BILAC, 1978).

Este artigo tem por objetivo refletir sobre as condições e os tempos dispendidos com o trabalho fora de casa e no espaço doméstico-familiar envolvendo a população feminina de 16 a 59 anos de idade, residentes em quatro regiões metropolitanas brasileiras: Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Curitiba<sup>1</sup>.

### **Fontes e métodos**

As informações trabalhadas são provenientes da PNAD dos anos de 2002 e 2012. A faixa etária de 16 a 59 anos foi escolhida por melhor atender aos objetivos da análise proposta. Embora convencionalmente a PEA abarque todas as pessoas a partir de 10 anos de idade, a abordagem das atividades exercidas pelos menores de 16 anos, consideradas como trabalho infantil, exigiria um tratamento analítico distinto. Por essa razão, optou-se pelo recorte a partir dos 16 anos de idade. Um outro tipo de olhar igualmente seria necessário para aqueles a partir dos 60 anos de idade, fase da vida em que aumenta o contingente de pessoas fora do mercado de trabalho. Possivelmente a esta altura os filhos que já deixaram a casa dos pais, os idosos moram sozinhos ou com outros parentes, ensejando outras questões no que tange à articulação trabalho e família. O foco na população de 16 a 59 anos de idade permite análise mais acurada especialmente no caso da população feminina, majoritariamente sujeita a demandas tanto profissionais quanto e familiares, com seus conflitos e contradições.

---

<sup>1</sup> Esse trabalho dá continuidade à investigação de questões desenvolvidas no âmbito da pesquisa “Trabalho feminino e vida familiar: escolhas e constrangimentos na vida das mulheres no início do século XXI”, projeto financiado pelo CNPq no biênio de 2013-2014. Outros achados da pesquisa ver: Oliveira e Marcondes (2016).

Em trabalhos anteriores (OLIVEIRA; MARCONDES; LONGO, 2013; OLIVEIRA; MARCONDES, 2016) foram considerados diferentes contextos do país de modo a poder melhor compreender as demandas ao tempo feminino e as dificuldades de articular interesses e compromissos de trabalho e as obrigações familiares. No presente artigo serão destacadas quatro regiões metropolitanas - Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Curitiba.

O conjunto de variáveis exploradas foram: idade; cor/raça; escolaridade; condição de atividade e de ocupação; jornada de trabalho; posição no domicílio; presença de filhos e/ou companheiro no domicílio; número de mulheres com mais de 10 anos no domicílio; realização de tarefas domésticas e tempo dedicado semanalmente aos afazeres domésticos.

Para melhor avaliação os efeitos de diferentes condições femininas e as taxas de ocupação, um modelo de regressão logística foi aplicado para a população que declarou que realizava algum tipo de atividade doméstica. Esse modelo analisou separadamente as informações das quatro regiões metropolitanas em estudo, para cada ano. A questão central foi verificar quais fatores estariam associados a um gasto de tempo acima da média com afazeres domésticos na população feminina de 16 a 59 anos. Ou seja, quais são as características daquelas que dedicam tempos mais elevados com a realização de atividades domésticas. Para isso explorou-se a média semanal de horas que as mulheres dedicavam aos afazeres domésticos, dando origem a uma variável resposta binária: de valor 0 para aquelas com tempo até a média e valor 1 para aquelas com tempo acima da média. Todos os procedimentos de modelagem foram realizados no software R.

Faz-se necessário destacar que análise semelhante, com alguns poucos ajustes em decorrência das informações existentes, foi empreendida para a população masculina de 16 a 59 anos. Contudo, os resultados se mostraram insatisfatórios, havendo necessidade de melhor avaliação das alternativas a serem exploradas, especialmente sobre o potencial de outras variáveis para medir diferenças entre homens.

## As condições de inserção da mão de obra feminina

Nas quatro regiões metropolitanas (RMs) analisadas, enquanto a taxa de participação da população de 16 a 59 anos masculina pouco se altera entre os dois anos destacados, as taxas femininas apresentam incremento relativo em todas as RMs, particularmente nas RMs de Curitiba (aumento de 4,6 p.p.) e São Paulo (2,7 p.p.). As mulheres com filhos aparecem como as grandes responsáveis pelo crescimento da mão de obra feminina disponível no mercado, de um ano para o outro (Tabela 1).

**TABELA 1** – Condição de participação e desocupação da população de 16 a 59 anos de idade  
Regiões Metropolitanas selecionadas, 2002 e 2012

Região Metropolitana	Taxas de participação (%)				Taxas de desocupação (%)			
	Homens	Mulheres	Mulheres com filhos	Mulheres sem filhos	Homens	Mulheres	Mulheres com filhos	Mulheres sem filhos
<b>2002</b>								
Salvador	88,0	71,1	70,3	72,6	15,3	23,3	20,6	28,3
Rio de Janeiro	86,4	60,7	57,4	67,9	9,4	15,7	13,2	20,1
São Paulo	89,6	66,6	60,9	78,3	10,6	15,9	14,9	17,5
Curitiba	90,6	67,3	63,0	77,0	7,5	9,7	8,8	11,4
<b>2012</b>								
Salvador	88,2	71,6	71,2	72,4	8,8	15,8	14,5	18,3
Rio de Janeiro	84,8	62,4	61,8	63,9	4,4	8,7	8,2	9,8
São Paulo	89,0	69,3	64,8	77,6	5,3	7,5	6,9	8,5
Curitiba	89,9	71,9	69,3	77,1	4,0	5,9	4,3	9,0

Fonte: IBGE; PNAD (2002; 2012).

Observa-se na **Tabela 1** que a taxa de participação das mulheres mães aumentou 6,3 p.p. em Curitiba, 4,4 p.p. no Rio de Janeiro e 3,9 p.p. em São Paulo, praticamente não se alterando em Salvador. A diferença dessas taxas entre aquelas que não têm filhos e as que têm, de um modo geral, reduziu-se. Contudo, a RM de São Paulo permanece com acentuada diferença: as mulheres sem filhos apresentam uma taxa de participação quase 13 p.p. maior que a observada para as mulheres com filhos no ano de 2012. A segunda maior defasagem entre as que trabalham e não trabalham nesse mesmo ano ocorreu na Grande Curitiba (8 p.p.).

Interessante destacar os indicadores da RM do Grande Rio de Janeiro, com as menores taxas de participação, no início e ao final do período, para ambos os sexos. Em 2012, por

exemplo, a diferença na oferta de mão de obra feminina entre o Grande Rio e as regiões de Salvador e Curitiba foi de 9 p.p., sendo essa diferença ainda maior quando se observa as taxas de participação das mulheres sem filhos. O Grande Rio apresenta uma diferença de cerca de 13 p.p. a menos em relação ao observado na Grande São Paulo e em Curitiba (Tabela 1).

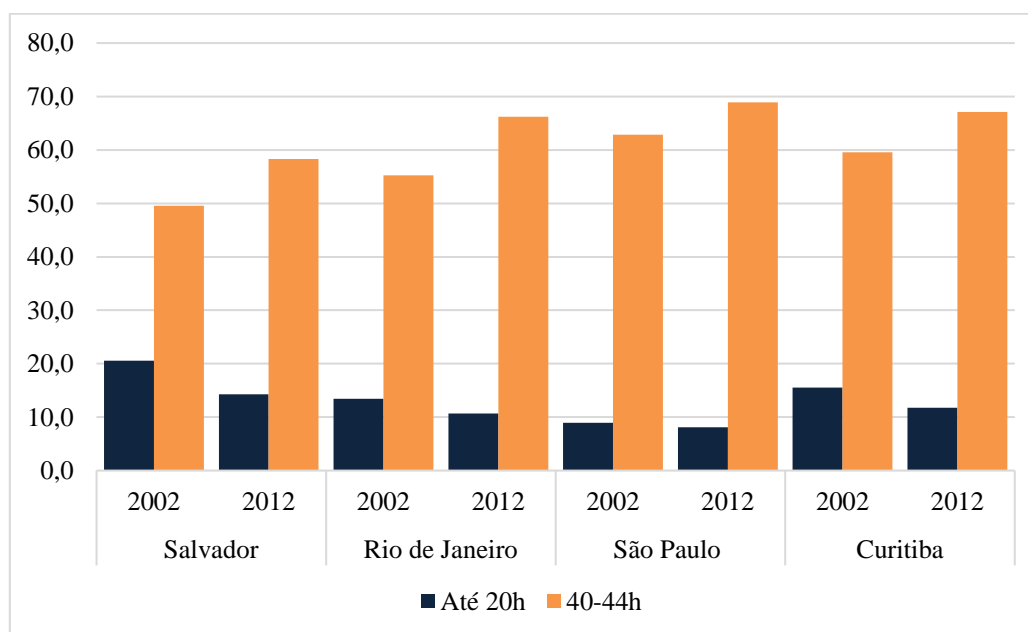
É possível olhar essas diferenças do ângulo da desocupação. Entre os anos destacados há uma redução da desocupação masculina e feminina em todas as áreas (Tabela 1). A Grande Curitiba destaca-se pelo fato de já em 2002 apresentar taxas de desocupação bem menores do que as demais RMs. Entre as mulheres, Salvador é a única que mantém sua taxa em dois dígitos em 2012. Note-se que Salvador ostenta em ambos momentos do tempo uma proporção mais elevada de desempregadas. É interessante observar que a condição de desemprego é relativamente maior entre as mulheres sem filhos tendo, no entanto, a diferença em relação a taxa de desocupação das mulheres com filhos diminuído em todas as RMs. Em 2012, as maiores diferenças entre as com filhos e sem filhos foram observadas nas RMs de Curitiba (4,8 p.p.) e de Salvador (3,9 p.p.).

Dois pontos são importantes para pensarmos essas diferenças na desocupação feminina. O primeiro é a suposição plausível que, diante das responsabilidades familiares, as mulheres que são mães tendam em maiores proporções a aceitar empregos com menor proteção social, jornada e/ou remuneração. Isso aduziria razões para explicar a baixa desocupação dessas mulheres, resultado de sua maior empregabilidade. Outro ponto diz respeito à composição etária desses segmentos femininos. Entre as mulheres sem filhos, as mais jovens têm um grande peso relativo. Ademais, pertencem a uma geração que vem postergando a sua entrada no mercado de trabalho em razão de maior permanência no sistema de ensino. Ao mesmo tempo, são também os segmentos mais jovens que, historicamente, encontram maiores dificuldades de inserção, notadamente para o primeiro emprego. Há que se levar em conta as adversidades e precarização que caracterizaram a estrutura dos mercados metropolitanos pós década de 1990. Uma hipótese plausível é que diante do aumento do desemprego juvenil e, com a precarização,

das perdas salariais nas ocupações masculinas, cresce a importância do trabalho das mulheres cônjuges, passando a ser essencial na manutenção ou melhoria das condições de renda familiar (MONTALI, 2012; MONTALI, 2006; BORGES, 2006).

As mulheres ocupadas tiveram sua jornada de trabalho também alterada no período em destaque. Entre aquelas ocupadas e sem filhos, observa-se que a jornadas de 40-44 horas de trabalho tornaram-se mais frequentes, tendo o emprego feminino com jornadas alongadas aumentado expressivamente em todas as regiões metropolitanas (Gráfico 1).

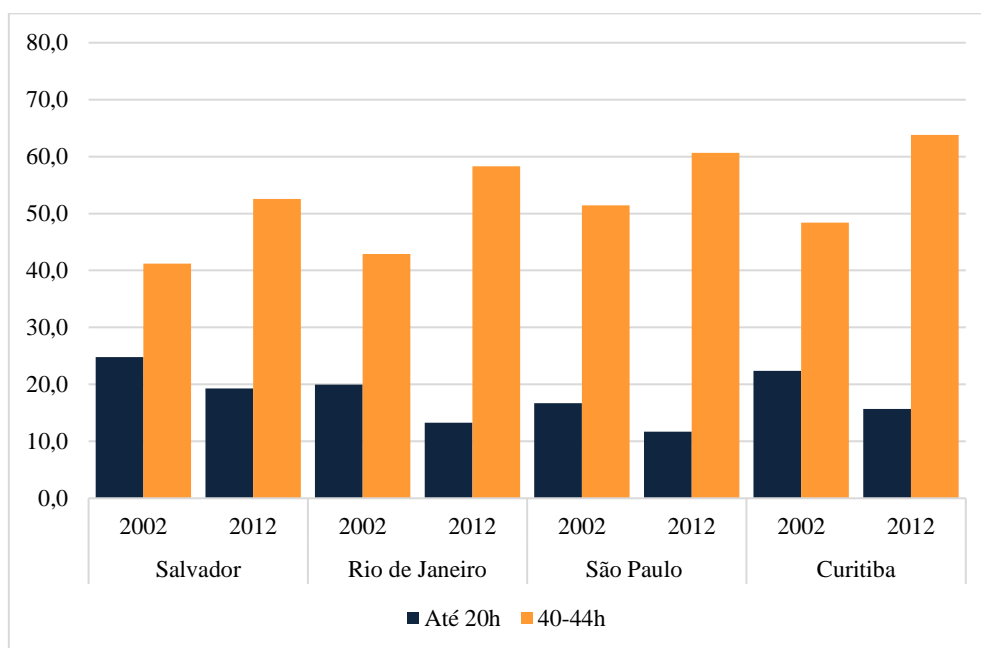
**GRÁFICO 1** – Distribuição (%) da população feminina de 16 a 59 anos, ocupada, sem filhos, segundo jornada de trabalho. Regiões Metropolitanas selecionadas, 2002 e 2012



Fonte: IBGE; PNAD (2002; 2012).

Embora se observe aparentemente o mesmo comportamento entre as mulheres ocupadas que são mães, vale notar que em todas as RMs cerca de 1/3 dessas mulheres trabalham em empregos com menos de 40 horas semanais (Gráfico 2). É possível que essas mulheres com filhos tenham maiores chances de exercer trabalhos informais, em condições mais precárias e de menor remuneração.

**GRÁFICO 2** – Distribuição (%) da população feminina de 16 a 59 anos, ocupada, com filhos segundo jornada de trabalho. Regiões Metropolitanas selecionadas, 2002 e 2012



Fonte: IBGE; PNAD (2002; 2012).

Apesar dos indicadores de inserção feminina mostrarem avanços expressivos, ainda apontam para a existência de constrangimentos que dificultariam essa inserção e, mesmo, a permanência no mercado de trabalho das mulheres que possuem filhos.

As condições em que se articulam a vida familiar e a laboral feminina é o ponto central dessa questão.

### **O tempo dedicado à casa e à família**

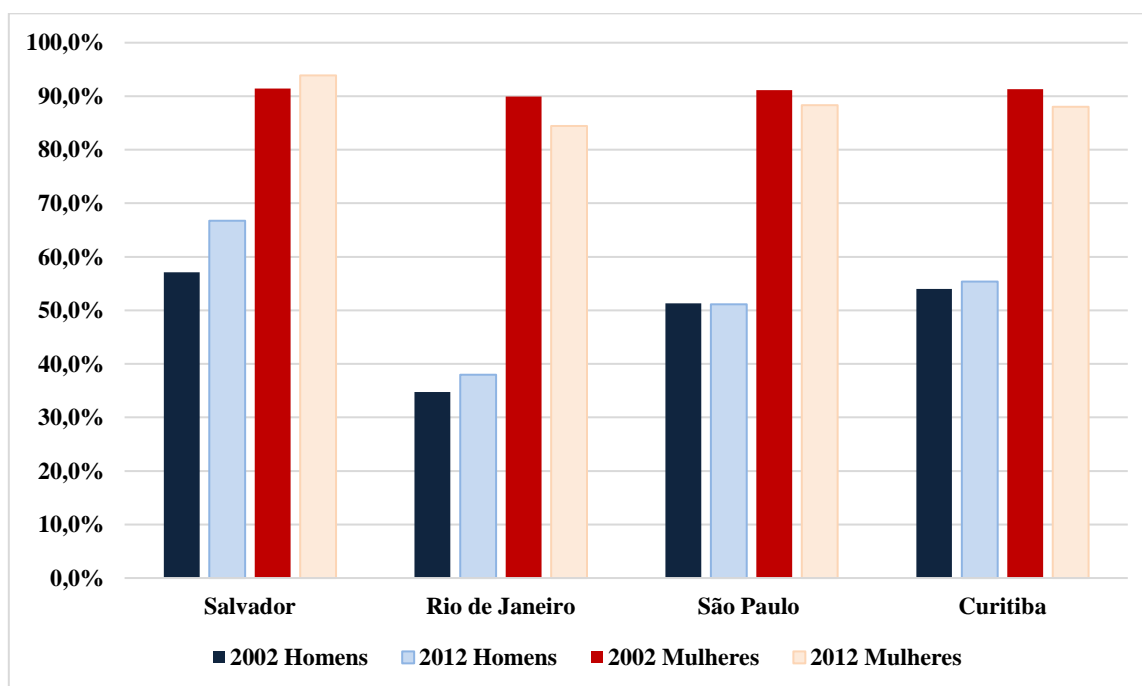
Nos dois períodos destacados – 2002 e 2012 - enquanto cerca de 90% das mulheres entre 16 e 59 anos declarou que, sim, realizava tarefas em casa, pouco mais da metade da população masculina de 16 a 59 anos, apenas, declarou realizar algum tipo de atividade doméstica. Ou seja, praticamente quase toda a população feminina dessa faixa etária, contrastado como pouco mais da metade da população masculina da mesma faixa etária!



De 2002 para 2012 observa-se alguns decréscimos nas horas médias dedicadas aos afazeres domésticos, tanto entre as mulheres quanto entre os homens. Entretanto, continua a ser uma responsabilidade muito mais presente no cotidiano feminino do que no masculino.

Dentre as Regiões Metropolitanas, em todas elas é maior a proporção de mulheres do que a de homens que declara ter realizado alguma tarefa doméstica na semana de referência. O Grande Rio de Janeiro se destaca pela menor proporção de declaração para ambos os sexos, notadamente entre os homens. Destes, pouco mais de 1/3 apenas declarou realizar algum tipo de tarefa doméstica (Gráfico 3).

**GRÁFICO 3** – Proporção da população de 16 a 59 anos de idade que declarou ter realizado algum afazer doméstico na semana de referência por sexo. Regiões Metropolitanas selecionadas, 2002 e 2012



Fonte: IBGE; PNAD (2002; 2012).

Ao observar as horas médias de homens e mulheres gastas com tarefas domésticas segundo a sua jornada de trabalho fora de casa, nota-se que esse fator parece afetar mais as mulheres do que os homens (Tabela2).

**TABELA 2** – Horas médias dispendidas com afazeres domésticos na população ocupada de 16 a 59 anos, por sexo, status reprodutivo das mulheres e jornada de trabalho  
Regiões Metropolitanas selecionadas, 2002 e 2012

Regiões Metropolitanas	2002			2012		
	Homens	Mulheres sem filhos	Mulheres com filhos	Homens	Mulheres sem filhos	Mulheres com filhos
<b>Até 20 horas</b>						
Salvador	10,9	16,7	31,0	11,4	18,0	27,9
Rio de Janeiro	11,3	16,7	30,2	11,9	16,2	25,7
São Paulo	11,6	19,6	34,4	9,7	16,6	25,6
Curitiba	11,2	20,0	36,8	7,9	12,2	31,4
<b>40-44 horas</b>						
Salvador	9,9	13,1	19,3	10,0	15,8	20,0
Rio de Janeiro	10,3	16,2	20,8	9,9	13,9	19,2
São Paulo	8,7	13,6	22,0	9,6	12,7	18,1
Curitiba	7,4	12,8	19,9	8,4	12,1	18,7

Fonte: IBGE; PNAD (2002; 2012).

As horas médias dispendidas por aqueles que trabalham em jornadas de até 20 horas são um pouco mais elevadas (varia de 1 a 3 horas a mais, em média) do que as daqueles com jornadas de 40-44 horas. Entre as mulheres, destacadamente aquelas com filhos, a influência da jornada de trabalho na média de horas gastas com as tarefas domésticas é mais evidente. Comparativamente entre mulheres com filhos e sem filhos, o impacto da jornada resulta em uma diferença em torno de 11 horas, em média, em 2002. Em 2012 as diferenças são menores, caindo para cerca de 7 horas em média (Tabela 2).

A Tabela 3, abaixo, mostra que a média de horas da jornada total de trabalho dos homens ocupados é sempre menor do que as médias observadas para as mulheres ocupadas, principalmente daquelas que possuem filhos. Nos dois anos, a diferença entre as médias dos homens e das mulheres com filhos é de cerca de 10 horas a mais para as mulheres, em três regiões metropolitanas. Na RM de São Paulo, a diferença que era de 12 horas (portanto, em média maior do que nas demais RMs), reduziu-se para 9 horas, em média.

**TABELA 3** – Média de horas da jornada total de trabalho (produtivo e reprodutivo) semanal da população ocupada de 16 a 59 anos de idade segundo sexo e status reprodutivo feminino Regiões Metropolitanas selecionadas, 2002 e 2012

Regiões Metropolitanas	2002			2012		
	Homens	Mulheres sem filhos	Mulheres com filhos	Homens	Mulheres sem filhos	Mulheres com filhos
Salvador	50,5	51,3	60,1	49,7	53,8	59,6
Rio de Janeiro	49,1	53,0	59,9	46,9	49,8	57,2
São Paulo	50,8	52,3	62,8	48,1	50,2	57,1
Curitiba	51,1	51,8	61,8	47,6	49,2	57,7

Fonte: IBGE; PNAD (2002; 2012).

As diferenças entre as médias das mulheres com e sem filhos reveladas na Tabela 3 não são nada desprezíveis. Isso parece ser verdade em todas as RMs. Contudo, em 2002, a RM de São Paulo e a de Curitiba são as que apresentavam uma diferença semelhante àquela observada entre as mulheres e os homens (10 horas a mais, em média). Essas diferenças se reduzem em 2012, mas ainda envolvem ao menos um acréscimo de 6 horas, em média, na jornada daquelas que são mães (Tabela 3).

O Quadro 1 adiante é bem revelador do quanto as responsabilidades doméstico-familiares estão atreladas às mulheres que são esposas e mães. Em todas as RMs, a mulher que trabalha fora de casa e é identificada como responsável pelo domicílio ou cônjuge do responsável, despense em média 10 horas a mais de sua semana realizando tarefas domésticas, comparativamente às que são filhas ou outras parentes residentes no domicílio.

Ter filhos que residem no domicílio aumenta de 1 a 3 horas, em média o tempo feminino despendido com atividades domésticas. Esse efeito diminui em 2012 em quase todas as RMs. Ser cônjuge ou pessoa responsável com companheiro residindo no domicílio significa para as mulheres ocupadas de 16 a 59 anos, gastar algumas horas a mais em média com afazeres domésticos. Ou seja, curiosamente a presença de maridos, tal como a de filhos, sobrecarrega o tempo feminino. Ao contrário, a presença de outras mulheres no domicílio tem por efeito reduzir as horas médias com tarefas domésticas para esse segmento feminino.

**QUADRO1** – Tempo médio gasto com afazeres domésticos pelas mulheres de 16 a 59 anos

ocupadas segundo características. Regiões Metropolitanas selecionadas, 2002 e 2012

		Salvador		Rio de Janeiro		São Paulo		Curitiba	
		2002	2012	2002	2012	2002	2012	2002	2012
<b>Condição no domicílio</b>	Pessoa de referência	20,5	21,0	20,5	20,2	21,8	18,5	20,2	18,4
	Cônjuge	25,2	23,9	24,6	21,4	25,3	19,2	24,1	21,4
	Filha	13,9	13,8	15,5	13,8	13,0	11,8	13,3	11,5
	Outra parente	15,9	15,1	17,9	15,6	18,2	14,8	15,1	11,9
<b>Filhos residentes</b>	Sim	23,6	22,5	23,9	21,3	25,1	19,5	23,9	21,2
	Não	20,5	20,8	21,6	21,3	20,8	19,5	22,7	18,5
<b>Companheiro residente</b>	Sim	25,0	23,7	24,3	21,3	25,2	19,2	24,4	21,3
	Não	19,4	19,8	20,9	19,8	21,2	18,1	18,1	17,0
<b>Outras Mulheres de 10+ residentes</b>	Nenhuma	23,4	22,5	23,4	21,1	24,4	18,7	23,3	20,3
	Uma	19,0	18,4	20,3	18,1	19,7	16,1	17,2	15,5
	Duas ou mais	17,4	15,8	17,8	15,8	15,8	14,1	19,1	16,6

Fonte: IBGE; PNAD (2002; 2012).

Nos domicílios em que há uma mulher de 10 anos ou mais de idade além da entrevistada, a média feminina dispendida com afazeres se reduz em até 3 horas. Quando há duas ou mais mulheres adicionais, a redução é de até 6 horas em média, no ano de 2012 (Quadro 1).

Para complementar a análise foram aplicados aos dados modelos de regressão logística. O objetivo é o de explorar as características associadas às chances de as mulheres de 16 a 59 anos de idade gastarem um tempo acima da média em afazeres domésticos. Como variáveis independentes dos modelos temos: grupo etário, raça/cor, anos de estudo, situação de ocupação, posição no domicílio, presença de filhos e/ou companheiro no domicílio e número de mulheres de 10 anos e mais no domicílio. As respectivas categorias de referência para cada dimensão são: as mulheres de 16 a 24 anos, brancas, ocupadas, responsáveis pelo domicílio, com ao menos um filho morando no domicílio e sem mais nenhuma mulher com mais de 10 anos de idade residindo no domicílio.

Para o ano de 2002, observa-se que conforme se avança nas idades, aumenta a chance de as mulheres despenderem um tempo acima da média com afazeres domésticos. Podemos ver

no Quadro 2 que o grupo etário de 45 a 59 anos apresenta mais de 60% de chance de estar acima da média comparado ao grupo mais jovem em três RMs. Apenas na Grande Curitiba a chance encontrada é um pouco menor (45%). No que diz respeito à cor, apenas a categoria “negras” foi estatisticamente significativa e somente para três das RMs. Nessas, as mulheres negras apresentam pouco mais de 30% a mais de chance de despendem um tempo acima da média com tarefas domésticas comparativamente às mulheres brancas.

Como esperado, para todas as áreas os anos de estudos e a situação de ocupação foram estatisticamente significativas. Nas quatro RMs, em 2002, cada ano de estudo representa cerca de 5% a menos de chance de as mulheres estarem acima da média de horas em que realizam afazeres domésticos. No que diz respeito à situação de ocupação, as mulheres fora do mercado de trabalho (desempregadas ou inativas) apresentavam de 3 a 7 vezes mais chance de dedicar um tempo acima da média com atividades domésticas comparadas àquelas que estavam ocupadas. A Grande São Paulo apresenta as maiores chances nos dois fatores, sendo, além disso, a única área em que a chance das mulheres inativas atingiu um valor menor do que a das mulheres desocupadas (Quadro 2).

Além dessas características, o interesse era aprofundar em que medida a condição doméstico-familiar das mulheres, tanto sua posição no domicílio quanto a composição do arranjo em que estava inserida, influenciam no tempo despendido com trabalho doméstico. Para nossa surpresa, no que se refere à posição no domicílio, em 2002, a categoria “cônjuge” apresentou significância estatística apenas para a Grande Salvador e o Grande Rio de Janeiro. Na primeira, as mulheres que eram cônjuge tinham 46% a mais de chance de gastarem um tempo acima da média com afazeres domésticos em relação às mulheres responsáveis pelo domicílio. Na RM do Rio de Janeiro, por sua vez, essa chance era de 3 vezes mais. Outra categoria com significância estatística foi a posição de filha, embora somente para a Grande São Paulo. Estas apresentaram 36% a menos de chance de gastarem um tempo acima da média com tarefas domésticas em relação as responsáveis pelo domicílio (Quadro2).

**QUADRO 2 – Razão de Chance dos modelos de regressão logística para fatores associados ao tempo gasto acima da média com tarefas domésticas na população feminina de 16 a 59 anos**  
Regiões Metropolitanas selecionadas, 2002

	Salvador		Rio de Janeiro		São Paulo		Curitiba	
	p-valor	Razão de Chances (IC 95%)	p-valor	Razão de Chances (IC 95%)	p-valor	Razão de Chances (IC 95%)	p-valor	Razão de Chances (IC 95%)
<b>Idade</b>								
25-44 anos	<0,0001 ***	1,59 (1,32;1,92)	<0,0001 ***	1,58 (1,3;1,91)	0,0461 *	1,20 (1,01;1,43)	0,4345	1,12 (0,85;1,48)
45-59 anos	<0,0001 ***	1,64 (1,3;2,07)	<0,0001 ***	1,70 (1,37;2,11)	<0,0001 ***	1,68 (1,37;2,08)	0,0225 *	1,45 (1,05;2,01)
<b>Cor</b>								
Negra	0,0005 ***	1,36 (1,14;1,62)	<0,0001 ***	1,31 (1,15;1,49)	0,6902	0,98 (0,86;1,11)	0,033 *	1,32 (1,02;1,71)
Outras	0,4041	1,27 (0,73;2,21)	0,6143	0,72 (0,2;2,59)	0,4861	0,84 (0,53;1,37)	0,5396	0,77 (0,33;1,78)
<b>Estudo</b>								
	<0,0001 ***	0,95 (0,94;0,97)	<0,0001 ***	0,97 (0,95;0,98)	<0,0001 ***	0,96 (0,94;0,97)	<0,0001 ***	0,94 (0,91;0,96)
<b>Trabalho</b>								
Desocupada	<0,0001 ***	3,88 (3,21;4,69)	<0,0001 ***	4,30 (3,45;5,37)	<0,0001 ***	6,71 (5,5;8,17)	<0,0001 ***	4,57 (3,17;6,6)
Não Ativa	<0,0001 ***	4,18 (3,57;4,9)	<0,0001 ***	4,30 (3,75;4,93)	<0,0001 ***	6,05 (5,29;6,93)	<0,0001 ***	5,64 (4,57;6,95)
<b>Posição no domicílio</b>								
Cônjuge	0,0029 **	1,46 (1,14;1,87)	<0,0001 ***	3,48 (1,99;6,09)	0,1650	0,84 (0,64;1,08)	0,0698	0,68 (0,44;1,03)
Filha	0,0625	0,77 (0,58;1,01)	0,1799	0,83 (0,63;1,09)	0,0008 ***	0,64 (0,49;0,84)	0,5435	0,87 (0,55;1,37)
Outra parente	0,8407	0,97 (0,7;1,33)	0,3113	0,84 (0,61;1,17)	0,6318	1,08 (0,81;1,47)	0,5674	0,86 (0,51;1,45)
<b>Filhos ou companheiro residente</b>								
Apenas Companheiro	0,3122	0,83 (0,58;1,19)	<0,0001 ***	0,26 (0,15;0,48)	0,3281	0,84 (0,6;1,19)	0,0778	1,65 (0,95;2,88)
Filho e Companheiro	0,0320 *	1,36 (1,03;1,79)	0,0062 **	0,45 (0,25;0,8)	<0,0001 ***	2,03 (1,51;2,75)	<0,0001 ***	2,76 (1,69;4,51)
Sem filho ou companheiro	<0,0001 ***	0,45 (0,37;0,56)	<0,0001 ***	0,40 (0,32;0,5)	<0,0001 ***	0,40 (0,33;0,49)	<0,0001 ***	0,43 (0,3;0,62)
<b>Mulheres de 10 anos ou mais</b>								
Uma	0,1166	0,87 (0,72;1,04)	0,0154 *	0,82 (0,69;0,96)	<0,0001 ***	0,72 (0,62;0,85)	0,0184 *	0,74 (0,58;0,95)
Duas ou mais	0,0690	0,82 (0,67;1,02)	<0,0001 ***	0,62 (0,5;0,78)	<0,0001 ***	0,60 (0,52;0,79)	0,4728	1,14 (0,8;1,61)

Quanto à composição do arranjo doméstico em que estão inseridas, observa-se que em todas as regiões, as categorias “com filho e companheiro residente” e “sem filho e companheiro residente” foram estatisticamente significativas. Interessante observar que enquanto para as RMs de São Paulo, Curitiba e Salvador a chance de as mulheres com filho e companheiro

residente gastarem um tempo acima da média com tarefas domésticas era maior quando comparadas àquelas que tinham apenas filho residente, na Grande Rio de Janeiro se observa o contrário. Estas mulheres teriam 55% a menos de chance de dispensar um tempo acima da média com tarefas domésticas comparadas as mulheres que residem apenas com filho. As chances também são menores para as mulheres que não possuem filhos ou companheiro residindo no domicílio, variando entre 60% a 55% a menos de chance de apresentar tempo acima da média com tarefas domésticas (Quadro 2).

No que diz respeito ao número de mulheres maiores de 10 anos de idade residindo no domicílio, observa-se que em 2002, ter uma mulher a mais além da entrevistada, diminui as chances femininas de dedicar tempo acima da média em afazeres domésticos. Isso é válido em três áreas (Rio de Janeiro, São Paulo e Curitiba), variando entre 28% a 16% a menos de chance comparadas àquelas que não possuem nenhuma outra mulher de 10 anos ou mais de idade no domicílio. Ter duas ou mais mulheres foi significativo estatisticamente apenas para o Grande Rio de Janeiro e a Grande São Paulo, apresentando cerca de 40% a menos de chance comparadas aquelas que não possuem outra mulher no domicílio (Quadro 2).

Em 2012, como mostra o Quadro 3, abaixo, a chance de as mulheres mais velhas despenderem um tempo acima da média com afazeres domésticos se manteve elevada (acima dos 60% a mais de chance) e em algumas regiões essa chance se acentuou. Para a Grande Curitiba, por exemplo, a chance desse grupo etário que era de 45% passa a ser de 2 vezes (ou 200%) mais chance de gastar um tempo acima da média com afazeres domésticos em relação as mulheres do grupo mais jovem.

Na variável cor, apenas para a Grande Salvador a categoria “negras” se manteve estatisticamente significativa em 2012 e, da mesma forma, tendo também ampliada a chance de essas mulheres de dedicarem um tempo acima da média com trabalho doméstico comparativamente às mulheres brancas. Em 2002, era a chance chega a 36% a mais, alcançando 48% a mais em 2012 (Quadro 3).

Anos de estudos e a situação de ocupação permanecem estatisticamente significativas. A primeira mantém os cerca de 5% a menos de chance de as mulheres estarem acima da média de horas com a realização de afazeres domésticos para cada ano de estudo. Quanto à situação de ocupação, as mulheres que estavam fora do mercado de trabalho (desempregadas ou inativas) continuam a ter mais chance de dedicar um tempo acima da média a atividades domésticas, comparadas àquelas que estavam ocupadas. Mas observam-se reduções dessa chance para todas as áreas, em particular, para as RMs do Rio de Janeiro e de São Paulo. Na Grande São Paulo, por exemplo, a chance de gastar um tempo acima da média com afazeres domésticos que era de 6 vezes mais para ambas as categorias passa a ser de 4 vezes mais para as mulheres desocupadas e 5 vezes mais para as mulheres inativas em relação as mulheres ocupadas. Para o Grande Rio de Janeiro, a chance passou de 4 vezes mais para 2 e 3 vezes mais, respectivamente (Quadro 3).



**QUADRO 3** – Razão de Chance dos modelos de regressão logística para fatores associados ao tempo gasto acima da média com tarefas domésticas na população feminina de 16 a 59 anos  
Regiões Metropolitanas selecionadas, 2012

	Salvador		Rio de Janeiro		São Paulo		Curitiba	
	p-valor	Razão de Chances (IC 95%)	p-valor	Razão de Chances (IC 95%)	p-valor	Razão de Chances (IC 95%)	p-valor	Razão de Chances (IC 95%)
<b>Idade</b>								
25-44 anos	0,0004 ***	1,53 (1,21;1,94)	<0,0001 ***	1,56 (1,25;1,95)	<0,0001 ***	1,63 (1,29;2,06)	0,0205 *	1,56 (1,07;2,26)
45-59 anos	<0,0001 ***	1,76 (1,35;2,29)	<0,0001 ***	1,68 (1,33;2,12)	<0,0001 ***	1,99 (1,55;2,56)	<0,0001 ***	2,49 (1,68;3,69)
<b>Cor</b>								
Negra	0,0002 ***	1,48 (1,2;1,82)	0,7301	1,02 (0,9;1,16)	0,0627	1,13 (0,99;1,29)	0,3528	1,12 (0,88;1,43)
Outras	0,8282	0,88 (0,29;2,69)	0,8378	0,93 (0,46;1,86)	0,2028	0,7 (0,4;1,21)	0,5843	0,77 (0,3;1,99)
<b>Estudo</b>								
	<0,0001 ***	0,94 (0,93;0,96)	<0,0001 ***	0,95 (0,93;0,96)	<0,0001 ***	0,95 (0,93;0,96)	0,0017 **	0,96 (0,93;0,98)
<b>Trabalho</b>								
Desocupada	<0,0001 ***	4,08 (3,23;5,16)	<0,0001 ***	2,79 (2,15;3,64)	<0,0001 ***	4,81 (3,69;6,28)	<0,0001 ***	4,68 (2,85;7,69)
Não Ativa	<0,0001 ***	4,06 (3,43;4,82)	<0,0001 ***	3,37 (2,96;3,85)	<0,0001 ***	5,15 (4,5;5,9)	<0,0001 ***	6,07 (4,8;7,68)
<b>Posição no domicílio</b>								
Cônjuge	0,023 *	1,28 (1,03;1,58)	0,0011 **	1,37 (1,13;1,65)	0,0433 *	1,21 (1,01;1,46)	0,118	1,28 (0,94;1,74)
Filha	0,0004 ***	0,57 (0,42;0,78)	0,0022 **	0,65 (0,49;0,86)	<0,0001 ***	0,52 (0,38;0,7)	0,2621	0,75 (0,45;1,24)
Outra parente	0,0033 **	0,56 (0,39;0,83)	0,0755	0,74 (0,53;1,03)	0,0247 *	0,66 (0,46;0,95)	0,8265	0,93 (0,5;1,74)
<b>Filhos ou companheiro residente</b>								
Apenas Companheiro	0,5502	0,91 (0,68;1,23)	<0,0001 ***	0,58 (0,45;0,76)	0,0038	0,66 (0,5;0,88)	0,077	0,65 (0,41;1,05)
Filho e Companheiro	0,0005 ***	1,56 (1,21;2)	0,3234	1,12 (0,89;1,4)	0,4967	1,09 (0,86;1,38)	0,0729	1,45 (0,97;2,17)
Sem filho ou companheiro	<0,0001 ***	0,52 (0,41;0,66)	<0,0001 ***	0,52 (0,42;0,65)	<0,0001 ***	0,42 (0,33;0,53)	<0,0001 ***	0,34 (0,23;0,51)
<b>Mulheres de 10 anos ou mais</b>								
Uma	0,1009	0,85 (0,71;1,03)	0,0067 **	0,8 (0,68;0,94)	0,1984	0,9 (0,76;1,06)	0,0425 *	0,75 (0,57;0,99)
Duas ou mais	0,0003 ***	0,61 (0,47;0,8)	0,0004 ***	0,66 (0,52;0,83)	0,0968	0,81 (0,64;1,04)	0,6777	0,92 (0,61;1,38)

Os resultados com relação à posição no domicílio são interessantes. A Grande Curitiba não apresenta categorias estatisticamente significativas, coincidindo com outros fatores em que Curitiba é exceção. No que diz respeito à categoria “cônjuge”, as demais áreas apresentam chances de 21% a 37% a mais de essas mulheres dedicarem um tempo acima da média em

afazeres domésticos, comparadas àquelas que são responsáveis pelo domicílio. Apesar de as mulheres cônjuges da RM do Rio de Janeiro apresentarem o maior valor dentre as três áreas metropolitanas (à exceção de Curitiba, como já mencionado), essa chance se reduz na década entre 2002 e 2012. De 3 vezes mais em 2002 passa para 37% em 2012! A categoria “filha” passa a ter significância estatística nas três RMs. Estas apresentaram de 48% (São Paulo) a 35% (Rio de Janeiro) a menos de chance de dedicaram um tempo acima da média com tarefas domésticas em relação as responsáveis pelo domicílio. Em 2012, a categoria “Outra parente” também foi significativa estatisticamente, mas apenas para a Grande Salvador e a Grande São Paulo, com cerca de 40% a menos de chance de terem um tempo acima da média com trabalho doméstico comparadas às responsáveis pelo domicílio (Quadro 3).

No que diz respeito às duas variáveis de composição do arranjo doméstico, somente a categoria “sem filho e companheiro residente” manteve-se estatisticamente significativa para todas as áreas. As chances permanecem menores para as mulheres que não possuem filhos ou companheiro residindo no domicílio, variando entre 66% a 48% a menos de chance de apresentar tempo acima da média com tarefas domésticas. Apenas para a Grande Salvador a chance de as mulheres com filho e companheiro residente se manteve estatisticamente significativa. Estas apresentam 56% a mais de chance de gastarem um tempo acima da média com tarefas domésticas comparadas àquelas que tinham apenas filho residente. A categoria “apenas companheiro” foi significativa somente para o Grande Rio de Janeiro. Estas mulheres apresentam 42% a menos de chance de gastarem um tempo acima da média com trabalho doméstico em relação aquelas apenas com filho residente (Quadro 3).

Em 2012, ter uma mulher a mais além da entrevistada permanece diminuindo as chances femininas de dedicar tempo acima da média aos afazeres domésticos. Porém, a significância estatística restringe-se às RMs do Rio de Janeiro e Curitiba com, respectivamente, 25% e 20% a menos de chance, comparadas àquelas que não possuem nenhuma outra mulher de 10 anos ou mais de idade no domicílio. Ter duas ou mais mulheres acima de 10 anos foi significativo

estatisticamente apenas para o Grande Rio de Janeiro e a Grande Salvador, apresentando cerca de 40% a menos de chance de despender um tempo acima da média com afazeres domésticos comparadas aquelas que não possuem outra mulher no domicílio. Diferente de 2002, essa variável deixou de ser estatisticamente significativa para a Grande São Paulo (Quadro 3).

### **Considerações finais**

À despeito das importantes transformações demográficas, culturais e sociais em curso no país desde meados do século XX, ainda persistem de alguns fatores que mantêm desigualdades de gênero no universo das responsabilidades domésticas e dos cuidados. Os resultados reiteram achados de outras pesquisas que apontam não ter a inserção laboral feminina amenizado o peso da responsabilidade das mulheres no mundo doméstico. A condição de sobrecarga corresponde à adição de uma segunda jornada de trabalho. Essa sobrecarga real permite desdobramentos diferenciados, dependendo do pertencimento socioeconômico, de cor/raça, geração e a região em que residem as mulheres. A persistência deste quadro, no entanto, indica sempre a manutenção de práticas sociais convencionais que reservam às mulheres ou homens, o papel que se espera que exerçam socialmente dentro de suas famílias: a mulher na esfera reprodutiva e do homem com o papel de provedor.

### **Referências**

- ABOIM, S. Narrativas do envelhecimento: ser velho na sociedade contemporânea. **Tempo Social**, São Paulo, SP, v. 26, n. 1, p. 207-232, 2014.
- APTER, T. **Working women don't have wives**. New York, NY: St. Martin Press, 1985.
- BILAC, E. D. **Famílias de trabalhadores: estratégias de sobrevivência**. São Paulo, SP: Símbolo, 1978.
- BORGES, A. Impactos do desemprego e da precarização sobre famílias metropolitanas. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Rio de Janeiro, RJ, v. 23, n. 2, p. 205-222, 2006.
- BORIS, E. Produção e reprodução, casa e trabalho. **Tempo Social**, São Paulo, SP, v. 26, n. 1, p. 101-121, 2014.
- BRUSCHINI, C.; RICOLDI, A. M. Família e trabalho: difícil conciliação para mães trabalhadoras de baixa renda. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, SP, v. 39, n. 136, p. 93-123, 2009.

\_\_\_\_\_; RICOLDI, A. M. Articulação trabalho e família: famílias urbanas de baixa renda e políticas de apoio às trabalhadoras. São Paulo, SP: Fundação Carlos Chagas, 2008.

\_\_\_\_\_. Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, SP, v. 37, n. 132, p. 537-572, 2007.

\_\_\_\_\_; LOMBARDI, M. R. Instruídas e trabalhadeiras: trabalho feminino no final do século XX. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n.17/18, p. 157-196, 2001/02.

COUPRIE, H. Time allocation within the family: welfare implications of life in a couple. **The Economic Journal**, v. 117, n. 516, p. 287-305, 2007.

GUEDES, M. C. Mulheres de nível universitário no mercado de trabalho: aproximações do padrão masculino? In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 17., 2010, Caxambu, MG. **Anais...** Belo Horizonte, MG: ABEP, 2010.

HIRATA, H. O universo do trabalho e da cidadania das mulheres: um olhar do feminismo e do sindicalismo. In: COSTA, A. A. (Org.). **Reconfiguração das relações de gênero e trabalho**. São Paulo, SP: CUT Brasil, 2004a.

\_\_\_\_\_. Tempo, trabalho e gênero. In: COSTA, A. A. (Org.). **Reconfiguração das relações de gênero e trabalho**. São Paulo, SP: CUT Brasil, 2004b.

MONTALI, L. Família e trabalho: os desafios da equidade para as famílias metropolitanas na recuperação da economia nos anos 2000. In: TURRA, C. M.; CUNHA, J. M. P. (Org.). **População e desenvolvimento em debate: contribuições da Associação Brasileira de Estudos Populacionais**. Belo Horizonte, MG: ABEP, 2012.

\_\_\_\_\_. Provedoras e co-provedoras: mulheres-cônjuge e mulheres-chefe de família sob a precarização do trabalho e o desemprego. **Revista Brasileira de Estudos de População**, São Paulo, SP, v. 23, n. 2, p. 223-245, 2006.

NEVES, M. A. Anotações sobre trabalho e gênero. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, SP, v. 43, n. 149, p. 404-421, 2013.

OAKLEY, A. **The sociology of housework**. New York, NY: Pantheon Books, 1974.

OLIVEIRA, M. C. F. A; MARCONDES, G. S. Intersecções família e gênero: a questão das assincronias. In: ITABORAÍ, N. **As transformações da vida familiar e na inserção social feminina: avanços, desigualdades e desafios**. São Paulo, SP: ABEP, 2016. (No Prelo).

\_\_\_\_\_; VIEIRA, J. M.; MARCONDES, G. S. Cinquenta anos de relações de gênero e geração no Brasil: mudanças e permanências. In: ARRETCHE, M. (Org.). **Trajetórias das desigualdades: como o Brasil mudou nos últimos 50 anos**. São Paulo, SP: Editora UNESP; CEM, 2015.

\_\_\_\_\_; MARCONDES, G. S.; LONGO, L. Duas faces da mesma moeda: trabalho feminino em casa e na rua em São Paulo e Salvador. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 16., 2013, Salvador, BA. **Anais...** Porto Alegre, RS: SBS, 2013.

\_\_\_\_\_. Notas soltas sobre o mundo privado e os gêneros. In: TURRA, C. M.; CUNHA, J. M. P. (Org.). **População e desenvolvimento em debate: contribuições da Associação Brasileira de Estudos Populacionais**. Belo Horizonte, MG: ABEP, 2012.

\_\_\_\_\_. O lugar dos homens na reprodução. In: GUTIÉRREZ, M. A. (Org.). **Género, familias y trabajo: rupturas y continuidades**. Buenos Aires, Argentina: CLACSO, 2007.

\_\_\_\_\_; MARCONDES, G. S. Contabilizando perdas e ganhos: maternidade, trabalho e conjugalidade no pós-feminismo. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 14., 2004, Caxambu, MG. **Anais...** Belo Horizonte, MG: ABEP, 2004.

\_\_\_\_\_; BILAC, E. D.; MUSZKAT, M. E. Homens e anticoncepção: um estudo sobre duas gerações masculinas das "camadas médias" paulistas. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 12., 2000, Caxambu, MG. **Anais...** Belo Horizonte, MG: ABEP, 2000.

\_\_\_\_\_. Condição feminina e alternativas de organização doméstica: as mulheres sem companheiro em São Paulo. **Revista de Estudios Demográficos y Urbanos**, México, DF, v. 7, n. 2-3, p. 511-537, 1992.

\_\_\_\_\_. Trabalho, família e condição feminina: considerações sobre a demanda por filhos. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 25-33, 1989.

SOARES, S.; IZAKI, R. J. A participação feminina no mercado de trabalho. **Texto para Discussão 923**, Rio de Janeiro, RJ, IPEA, 2002.

SORJ, B. Socialização do cuidado e desigualdades sociais. **Tempo Social**, São Paulo, SP, v. 26, n. 1, p. 123-128, 2014.

SORJ, B.; FONTES, A.; MACHADO, D. C. Políticas e práticas de conciliação entre família e trabalho no Brasil. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, SP, v. 37, n. 132, p. 573-594, 2007.

\_\_\_\_\_. et al. **Reconciling work and family: issues and policies in Brazil**. Geneva: International Labour Organization, 2004.

WAJNMAN, S. Relações familiares e diferenciais de rendimentos por sexo no Brasil. In: TURRA, C. M.; CUNHA, J. M. P. (Org.). **População e desenvolvimento em debate: contribuições da Associação Brasileira de Estudos Populacionais**. Belo Horizonte, MG: ABEP, 2012.